
*Mobilidade social e as territorialidades
das esposas de militares:
construindo uma identidade a caminho*

*Social mobility and territoriality of military spouses: building an
identity on the way*

*Werusca Marques Virote de Sousa Pinto**
*Regina Glória Nunes Andrade***

Resumo: O presente artigo apresenta alguns elementos conceituais que servirão de suporte para discutir a construção da identidade da esposa de militar. Trata-se de um sujeito que, ao casar-se com um oficial do Exército Brasileiro, inicia um caminho que lhe possibilita experimentar as diversas formas de vida que a cultura brasileira oferece e, assim, constrói sua identidade desterritorializada. O militar, oficial do Exército Brasileiro, e sua família deslocam pelo território, construindo representações da identidade brasileira. São famílias marcadas pela vivência nacional, que produzem fazeres cotidianos próprios de uma vida em constante mudança.

Abstract: This article presents some conceptual elements that will support to discuss the construction of the identity of the military wife. This is a woman who marries a Brazilian army officer and experiences the various forms of life present in Brazilian culture, building a deterritorialized identity. The military, Brazilian army officer and his family live in various parts of the country, building representations of the Brazilian identity. These families are marked by multiple experiences, with a peculiar daily life and a life in constant change.

Palavras-chave: Identidade. Cultura. Mudanças.

Keywords: Identity. Culture. Changes.

* Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista da Capes. *E-mail:* weruscavirote@hotmail.com

** Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora visitante no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *E-mail:* reginagna@terra.com.br

Estudar a esposa do militar, oficial do Exército Brasileiro (EB), possibilita pensar os deslocamentos dentro do território nacional, sob as perspectivas histórica, social e subjetiva, atravessadas pela realidade ideológica e institucional do EB. Neste artigo, buscar-se discutir a construção da identidade de uma mulher que, mesmo não estando inserida na estrutura hierárquica, mesmo não fazendo parte da instituição, possui um papel social dentro dela e, ao longo da carreira do marido, vai se deslocando, mudando e produzindo práticas próprias dessa realidade nômade, itinerante, migratória.

Nesse contexto, um dos pressupostos teóricos que se busca discutir, para melhor explicar o fenômeno, é a perspectiva da falta de previsibilidade e solidez da vida contemporânea e das mudanças que constantemente o homem é obrigado a enfrentar para ir se construindo como sujeito. Bauman (2007) postula que a pós-modernidade é marcada pela passagem do seguro para o precário.

Existe um contraponto à solidez da estrutura institucional do EB; de um lado, uma vida marcada por hierarquia e disciplina e, por outro, pela fluidez dos deslocamentos constantes afirmando, assim, que esses indivíduos estão inseridos em uma “vida líquida, precária, vivida em condições de incerteza constante”. (BAUMAN, 2007, p. 8).

Quando Bauman (2007) se refere à vida líquida, está discorrendo sobre o mundo pós-moderno e suas transformações constantes, sobre a efemeridade dos eventos contemporâneos, sobre o constante recomeço e, principalmente, enfatizando a volatilidade da vida social e a precariedade das habilidades. Ademais, o autor acrescenta que, nesse contexto, o sujeito precisa se desapegar das certezas e desenvolver competências que facilitem a ele encerrar, apagar, se abrir ao novo e substituir referências e laços sociais e afetivos.

É nesse universo que a família militar está inserida, como todas as outras famílias, mas de uma forma mais concreta, pois as mudanças são físicas e culturais e ocorrem com uma frequência média de dois anos.

A vida líquida é uma sucessão de reinícios, e precisamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores e as dores de cabeça mais inquietantes. A vida líquida é uma forma de vida que tende a ser levada a frente numa sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. (BAUMAN, 2007, p. 7).

Para a família militar essas mudanças são ainda mais concretas e inevitáveis, são previstas, pois todo militar sabe que será deslocado, e as esposas, quando se “casam com a cultura militar” têm conhecimento de que as mudanças irão ocorrer, porém sem saber quando e para onde irão. Não é o militar quem decide e menos ainda a mulher com quem ele está casado, mas o fato é que, quando chega a época de ser transferido, o militar e sua família se desinstalam, se desvinculam e, nesse processo de ir-e-vir pelo território nacional, vivenciam as múltiplas formas de vida que a cultura brasileira oferece e, assim, vão construindo suas subjetividades desterritorializadas.

Processos identitários produzidos a partir das identidades nacionais

As identidades nacionais estão sendo afetadas pelo processo de globalização, embora a cultura em que o indivíduo nasce constitui uma das principais fontes de identidade cultural, e essa fonte de identificação está cada vez mais precária, pois, com a hibridação das culturas, não se pode afirmar que há pureza nas identidades nacionais.

Para Hall (2008) o homem precisa se identificar com um grupo, concretizar um arranjo social que ele reconheça como lar. O autor afirma que, sem um sentimento de identificação nacional, o sujeito experimenta uma sensação de perda subjetiva.

Não se nasce com uma identidade nacional, tem essa vai se formando; por exemplo, ser brasileiro faz parte de uma representação que vem sendo construída ao longo da história desse país, pela literatura nacional, pela mídia, pela cultura popular, pelos discursos que circulam na sociedade.

“A noção de identidade nacional pode ser compreendida como uma construção e não uma condição natural da formação identitária.” (CANEN, 2000, p. 140). Para a autora desnaturalizar o discurso de identidade nacional é dar voz a culturas não dominantes e permitir que o dinamismo e a hibridação sejam reconhecidos, minimizando os processos discriminatórios que desvalorizam a diversidade dos padrões culturais.

As vitórias e derrotas vão dando corpo ao termo *nação* e, aos poucos, os indivíduos começam a compartilhar essas narrativas e a conectar a vida cotidiana a um destino nacional. Passam a perceber uma continuidade na tradição, passam a partilhar os rituais simbólicos e a passar adiante o mito fundacional que demarca a origem desse sentimento

que produz sentido e constitui uma comunidade simbólica. Nação é uma construção simbólica que se dá a partir de um discurso “que subordina inúmeras identidades étnicas, religiosas, raciais, de gênero e padrões culturais”. (CANEN, 2000, p. 140).

As culturas nacionais são homogêneas e constituídas por discursos, elas constroem significados e memórias comuns, são compostas por instituições culturais, símbolos e representações. Segundo Canclini (2005), esses discursos encontram eco nos livros escolares e nos museus, nos aspectos formais da educação.

Para que sejam estabelecidas identidades nacionais, é necessário encontrar elementos que são compartilhados pelas pessoas desse país, mas não se trata de uma comunidade, e sim, de múltiplas comunidades; dessa forma, se faz necessário encontrar laços imaginários que vinculem essas pessoas, que digam que elas pertencem a um mesmo grupo. Um dos elementos da identidade nacional é a língua. À medida que se impõe uma mesma língua à população, as pessoas podem estabelecer trocas e se identificarem mutuamente: “somos brasileiros porque falamos português.”

Outros elementos se somam para compor essa identidade nacional, os símbolos nacionais, no caso do Brasil, a Bandeira, o Brasão da República e o Hino Nacional. Além desses, os heróis, que funcionam como “mitos fundadores”, são pessoas que tiveram visibilidade nacional pelos atos heroicos, ou feitos que produzem orgulho à população. Não importa a veracidade, mas a força da narrativa e os vetores de poder que estão envolvidos. Para se estabelecer uma identidade nacional, é preciso ligá-las por meio de um elo afetivo.

Existe uma ilusão de inteireza unificadora quando se fala em identidade nacional. Pode-se falar de expressão da cultura de “um único povo”, porém as nações modernas são híbridas e como uni-las em um todo? Andrade e Macêdo, em 2014, organizaram um livro que traz diversos *povos* dentro da cultura brasileira, os quais partilham identidades culturais distintas. Desde o título, o livro propõe uma reflexão acerca das “costuras” possíveis entre as diferenças de raça, etnia, costumes, localização territorial, relações de poder. Ao mesmo tempo que marcam suas distinções, insistem em fazer parte de uma mesma nação. Todos os “territórios sem fronteiras” do livro são espaços de compartilhamento da cultura brasileira atravessados pelo contemporâneo e pelas questões da pós-modernidade.

Como foi postulado por Hall (2002, p. 59), “não importa quão diferente seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”.

Com o advento da globalização, das novas tecnologias, as identidades nacionais, que estão vinculadas a lugares, passaram a se articular de novas formas. As distâncias diminuíram e, hoje, é possível perceber os impactos de ações que acontecem em lugares afastados. Assim, a globalização promoveu certa fragmentação dos códigos culturais, o enfraquecimento das culturas nacionais. Com a possibilidade de viajar e se conectar com diversos tipos de cultura, as pessoas dos lugares mais longínquos podem experimentar ou visualizar possibilidades e formas de vida distintas e, assim, como a identidade se constrói a partir de um processo de representações, o sujeito pós-moderno é atravessado por referências múltiplas que lhe possibilitam ir além da identidade localizada no espaço e no tempo, ir além da identidade do lugar definido, do masculino, para uma identidade formada por possibilidades sem fronteiras.

Mas, ainda assim, a globalização pode fortalecer as identidades locais e/ou a produção de novas identidades, pois membros dessas culturas podem se sentir ameaçados e, como defesa, oferecem resistência à presença de outras culturas. Há uma reidentificação com as culturas de origem.

Dessa forma, quando se fala em pluralidade cultural, podem ser observadas

contradições discursivas, que vão desde estereótipos e preconceitos até afirmações que reduzem a diversidade cultural a um conjunto de identidades homogêneas, a identidade nacional ao reflexo de uma brasilidade idealizada e não problematizada. (CANEN, 2000, p. 148).

Atualmente, a sociedade de consumo produz urgências que ultrapassam os limites da historicidade e da continuidade; o mundo sem fronteiras produzido pelas tecnologias e pela velocidade faz com que o humano busque novas formas de identidade. (VILLAÇA, 1999).

Não se pode afirmar, portanto, que há uma “homogeneização cultural”; que há, sim, é uma nova dinâmica temporal e espacial que força uma reestruturação das identidades locais e regionais.

Na pós-modernidade, as identidades fixadas, pensadas sob o modelo binário, não se sustentam, pois as identidades passam por transformações múltiplas e constantes, visto que as fronteiras se cruzam, os deslocamentos são mais rápidos, as interfaces são necessárias e, assim, as identidades são móveis, transitórias.

Então, por exemplo, quando se fala em religiosidade como elemento da cultura, é necessário falar em sincretismos religiosos, em raça, para tratar da miscigenação, em gênero, das diversas possibilidades que existem entre o feminino e o masculino, ou seja, a hibridização é uma presença imposta pela sociedade pós-moderna.

A percepção de fazer parte de um todo chamado *nação* é o que, resumidamente, pode ser chamado de *identidade nacional*. Portanto, é preciso revisitar o conceito de *nação* que passou a ser construído a partir do século XVIII e se consolidou no século XIX quando foram estabelecidos três critérios a serem considerados para caracterizar uma nação, a saber: primeiramente, a associação com um Estado existente; segundo, uma elite cultural estabelecida; e terceiro, a presença de uma força militar, de uma língua e de cultura comuns. A língua funcionando como o laço social que une e possibilita a simbolização e a transmissão de valores e tradições. No que tange à cultura, a assimilação dos símbolos possibilita o compartilhamento de uma identidade e, assim, surge um sinal de que existe algo em comum. (HOBSBAWM, 1995, p. 59).

Dessa maneira, quando os grupos se percebem unidos por uma identidade, tendem a sentir maior empatia entre si e, por outro lado, surgem barreiras invisíveis que segregam os indivíduos que não partilham dessa mesma identidade, de tal modo que esses *outros* não serão tratados da mesma forma. (HOBSBAWM, 2008, p. 137).

Na atualidade, seria mais coerente falar em pertencimento e não em identidade. Dentre as mudanças que a pós-modernidade trouxe, a principal delas é a forma com que se percebe o espaço. Hoje todos são vizinhos, pois, com o advento da internet, as relações de identidade não fazem o mesmo sentido, as pessoas estão totalmente disponíveis, e as relações de intimidade foram transformadas. Desse modo, os sujeitos vão se mostrando diferentes a partir dos diversos pertencimentos, e suas

decisões versam sobre os diferentes e múltiplos lugares em que estiveram e produziram ressonâncias nesse sujeito.

O pertencimento à Nação brasileira traz inúmeros marcadores simbólicos, com efeitos históricos e ideológicos, que estabelecem relações de poder, que permitem discutir os matizes do que hoje é denominado *identidade brasileira*.

Matizes da identidade brasileira: cultura brasileira

Segundo Fiorin (2009), nacionalidade é uma identidade que se constrói pela herança simbólica e material aculturada por todos e que toma forma a partir de um discurso difundido entre a comunidade.

Igualmente, a Nação brasileira precisou inventar algo que fosse comum a gaúchos e nordestinos, nortistas e paulistas, encontrar algo que promovesse a coesão nacional. (THIESSE, 1999, p. 98).

O Brasil com dimensões continentais e com diversidades impostas pela natureza, pela geografia, pela demarcação territorial e pelas fronteiras que vão dando contorno ao território nacional, possui uma multiplicidade de culturas manifestas por diversas formas de vida e expressões artísticas. Assim, dentro do Brasil, convivem culturas de vários países vizinhos, as quais já foram incorporadas e hoje fazem parte do patrimônio cultural brasileiro.

O Brasil foi uma das primeiras experiências bem-sucedidas de criar uma nação fora da Europa, mas essa nova nação surge com um problema: foi proclamada a independência por um príncipe herdeiro da colônia, sem ter havido uma ruptura completa. Pedro I assumiu a nacionalidade brasileira, herdada de Portugal e, ao mesmo tempo, precisava se afirmar como diferente da outrora colônia. (FIORIN, 2009, p. 103).

O Brasil buscou sua afirmação como nação deixando as influências colonizadoras, lutando pela abertura e dinamização dos elementos culturais através da formação de estereótipos e de atitudes regionais e também da busca pelo alargamento dos micro e macrotemas nacionais, enfatizando a valorização do perfil regional. Esse aspecto toma visibilidade quando, então, começa a ser percebida uma valorização da produção folclórica, sem, necessariamente, estar associadas à estética dessa manifestação. (ANDRADE, 2003, p. 65).

As festas locais e regionais, tais como a Festa de Lavagem das Escadarias da Igreja do Senhor do Bomfim, na Bahia, a Festa de São Jorge no Rio de Janeiro, a Festa de Iemanjá, de Bumba meu Boi, Carnaval, do Maracatu, do Parentins são exemplos de manifestações que colocam em cena a cultura nacional, marcada pelo sincretismo e pela mestiçagem.

A literatura também operou como um forte elemento na construção da nacionalidade. Nos livros de José de Alencar, por exemplo, pode-se perceber o patrimônio identitário brasileiro. O autor caracteriza a paisagem brasileira e a língua, explica a singularidade dessa nova cultura e é nessa especificidade que o Brasil se afirma como nação. Essa noção de cultura brasileira mista, foi construída pelo romantismo, pela figura do mito original de um casal luso-tupi, unindo a natureza à cultura e unindo, assim, os valores portugueses aos valores indígenas. Nesse cenário, a mestiçagem está nas entranhas da identidade cultural brasileira, fazendo surgir o culto à mulata, que representa a raça brasileira e o sincretismo religioso que se apresenta como fruto dessa mistura. (FIORINI, 2009, p. 121).

Andrade (2003) faz uma análise de filmes cujos roteiros foram adaptados de romances da literatura brasileira. Neles aparecem personagens que representam a identidade do brasileiro em diversas épocas:

As personagens são tratadas a partir de traços marcantes tais como a tenacidade encontrada em Policarpo, Quincas Borba e mesmo em Macabéia ou a lentidão e a preguiça de Macunaíma... [...] Essa pesquisa gerou a percepção de que essas personagens foram provavelmente construídas a partir de projeções do imaginário dos artistas em busca de uma configuração da identidade brasileira. (ANDRADE, 2003, p. 121-122).

Atribui-se à mestiçagem, o sucesso do Brasil no futebol e as características do brasileiro de ser um povo acolhedor, tolerante, sempre com *ginga* e um *jeitinho* peculiar de resolver os problemas. Essa autodescrição, encontrada na literatura, na música e em diversas manifestações culturais, oculta, muitas vezes, o preconceito que pode ser presenciado no interior do cotidiano da cultura brasileira. Mas, como identidade nacional, é uma construção abstrata, uma invenção, um

projeto discursivo. A identidade cultural brasileira é fruto dessas caracterizações que, ao longo do tempo, vão sendo partilhadas pelo povo, tomando forma de valores e circulando como práticas culturais. (FIORIN, 2009, p. 134).

Desse modo, as famílias de militares, deslocadas pelos diversos estados do Brasil, passam por constante desterritorialização e esse processo permite que convivam ao mesmo tempo com costumes, religiões e culturas diversos, e essa é a semente das territorialidades, como possibilidade de sobrevivência. Os indivíduos agrupam-se buscando, no território geograficamente mutável – as Vilas Militares – e na família militar possibilidades de identificação e conexão com lugares e itinerários atinentes a essa cultura. Isto é, a vila militar, bairro que carrega consigo as propriedades de um lugar de reconhecimento, mesmo não sendo um espaço de referência que ateste suas origens, registra na vida do sujeito uma marca de pertença.

“O bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um engajamento social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes), que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição.” (CERTEAU, 2013, p. 39). O território (Vila Militar) é um misto de relações reais e simbólicas que se articulam nas histórias das pessoas que ali habitam de indivíduos que partilham um espaço geográfico marcado pela cultura militar e pela necessidade de afiliação, de pertença que o contato uns com os outros acaba suprindo.

Como afirma Claval (2009), não há possibilidade de existir identidade sem referencial espacial. Assim, os grupos fragmentados, como, por exemplo, os judeus da diáspora, faziam referência a Jerusalém como um lugar de reencontro. Na Vila Militar, podem ser observados o fenômeno dessa fragmentação e a busca de referentes simbólicos para a estruturação de uma identidade.

As comunidades fragmentadas nem sempre se contentam com um centro simbólico próximo, elas experimentam a necessidade de se fechar em micro-territórios dos quais elas saem somente para realizar o trabalho e as trocas que lhes permitem viver. Elas criam colônias, ou aceitam sem muito sofrimento ser fechadas em guetos, na medida em que estes lhes garantam sua identidade. O ideal, para muitos, não é se reunir para recriar uma grande unidade territorial, mas transformar o gueto em pequeno território inviolável. (ERTEL, 1986 apud CLAVAL, 2009, p. 17).

Surgem, então, sujeitos marcados pela história da carreira do marido, pela afiliação a esse espaço hierarquizado, que vai se constituindo como uma comunidade em que as vicissitudes culturais promovem implicações psicossociais e consequências familiares, pessoais e profissionais decorrentes dessas interações a que está submetida.

Assim, o público estudado neste artigo produz leituras da realidade brasileira, são vozes de atores sociais marcados pelos deslocamentos e que, no seu fazer histórico e cotidiano, traduzem uma identidade pautada na dinamicidade, nos fluxos migratórios, nos agenciamentos e nas sobreposições que as culturas e a política promovem nos modos de vida.

Referências

- ANDRADE, R. G. N. *Personalidade e cultura: construções do imaginário*. Rio de Janeiro: Revan; FAPERJ, 2003.
- ANDRADE, R. G. N.; MACÊDO, C. M. V. *Territórios sem fronteiras o social: no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud; FAPERJ, 2014.
- BAUMAN, Z. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.
- CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2005.
- CANEN, A. Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 111, dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742000000300007&lng=en&nrn=iso>. Acesso em: 2 fev. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742000000300007>.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CLAVAL, P. O território na transição da pós-modernidade. *GEOgraphia*, América do Norte, v. 1, set. 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/16/14>>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- FIORIN, J. L. *A construção da identidade nacional brasileira*. São Paulo: Bakhtiniana, 2009.
- HALL, S. *Identidade em questão*. Rio de Janeiro: D&A, 2002.
- _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.
- HOBBSAWM, R. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- _____. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- THIESSE, A. M. *La création des identités nationales. Europe XVIII^e XX^e siècle*. Paris: Editions du Seuil, 1999.
- VILLAÇA, N. *Em pauta: corpo, globalização e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Mauad; CNPq, 1999.